

Revista

FUTURO DO PRETERITO

JUN. 2023 • VOL. 2 • NÚM. 5

FEUSP

LAB_ARTE:

10 coisas que
você precisa
saber!



Entrevista com
**Rogério de
Almeida**, professor
titular da FEUSP e
coordenador do
Lab_Arte.

SLAM: Saiba mais
sobre e conheça o seu
uso como ferramenta
pedagógica

Biografia:

Entrevista com **Monica
Caldas Ehrenberg**,
professora e chefe do
Departamento de
Metodologia do Ensino e
Educação Comparada (EDM)

SETORES: conheça a
Comissão de Cultura e
Extensão da FEUSP

ISSN 2675-455X



9 770026 754553

Futuro do Pretérito (revista estudantil da FEUSP)

ISSN: 2675-455X

Publicação eletrônica (divulgação)
Quadrimestral

Imagem da capa

Monica Caldas Ehrenberg (Arquivo Pessoal)

Direção Editorial

Giulianna Ramalho Osteti (Alumni FEUSP)

Vice-direção Editorial

Beatriz Hitos Silva (Alumni FEUSP)

Conselho Editorial

Bianca dos Santos Lima (FFLCH/USP)

Carlos Eduardo Xavier de Souza (FEUSP)

Dayane Costa da Silva (FEUSP)

Gabriel Lisboa da Silva (FEUSP)

Rani Beatriz Cruz Evangelista dos Santos (FEUSP)

Revisão

Fabiana do Amaral Godioso (FEUSP)

Giovana Luíza Carneiro (FEUSP)

Júlio César da Silva Mendes (Alumni FFLCH/USP)

Leilane Mayara Lisboa (FEUSP)

Maria Luíza Gutierrez de Camargo (FEUSP)

Nickolas de Angelo Sugarava da Silva (FFLCH/USP)

Rebeca Alves Farias (FEUSP)

Tânia Pasqualucci (FEUSP)

Valentina Nicolino Pereira (FFLCH/USP)

Diagramação

Ana Beatriz Pires de Assis (FEUSP)

Ana Larissa Porto Leite (FEUSP)

Bruna Biselli Moraes (FEUSP)

Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)

Luiz Henrique do Nascimento Martins (FEUSP)

Michele Campos Silva (FEUSP)

Samira Kamel Sakr (FEUSP)

Assessoria de Imprensa e Comunicação

Gabriela Bastos Mellone (FEUSP)

Maria Eduarda Flores (FEUSP)

Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)

Apoio e Fundação

Millena Miranda Franco (Alumni FEUSP)

Giulianna Ramalho Osteti (Alumni FEUSP)

Colaboração

Comunicação e Mídia da FEUSP

Direção da FEUSP

Universidade de São Paulo

Reitor Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento
Arruda

Faculdade de Educação

Diretora Profa. Dra. Carlota Boto

Vice-Diretor Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308

Cidade Universitária - Butantã

05508-040 - São Paulo - Brasil

Escreva para a revista Futuro do Pretérito
revista.futuro.preterito@gmail.com

Visite nossa página:

<http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito>

Fone : (11) 9 4545-2192

• As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão do corpo editorial da revista Futuro do Pretérito.

• Visando uma comunicação inclusiva e respeitosa com a identidade de gênero dos leitores, a revista utilizará linguagem neutra.

Revista

**FUTURO DO
PRETÉRITO**

FEUSP

• SUMÁRIO •

APRESENTAÇÃO

Estamos muito felizes por estar aqui! Esta é a primeira revista feita por estudantes na história da FEUSP! Saiba mais...

05

06

10 COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE O LAB_ARTE

O Lab_Arte teve início em 2004 com um grupo de alunos da disciplina "Cultura e Educação I", ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos.

PERGAMINHO DO TEMPO

A trajetória do professor Rogério de Almeida. Do nascimento até a posição de professor titular da FEUSP e coordenador do Lab_Arte.

10

12

RELATOS

Saiba mais sobre o Slam e o seu uso como ferramenta pedagógica.

CONVERSA COM QUEM MANJA

Entrevista como professor e coordenador do Lab_Arte, Rogério de Almeida.

14

22

SETORES

Conheça a Comissão de Cultura e Extensão da FEUSP.

BIOGRAFIA

Entrevista com a professora e chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM), Monica Caldas Ehrenberg.

23

34

FIQUE DE OLHO

Fique por dentro dos principais eventos e atividades formativas do momento!

HORA DA DESPEDIDA

Entre para o nosso time!
A revista é sua!

36



APRESENTAÇÃO

A Futuro do Pretérito é uma revista eletrônica de divulgação produzida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), como um tributo à ciência e à história. O nosso objetivo é que ambas tornem-se mais acessíveis ao maior número possível de pessoas, a saber, estudantes, funcionárias, docentes e comunidade externa. Seu nome faz referência ao tempo verbal que expressa imaginação e questionamento, remete à tentativa de valorização do passado em tempos presentes e à capacidade desta sintonia de formular perspectivas e aspirações mais conscientes para o futuro.

Construída por mãos e olhares pautados nesses ideais, a revista busca subverter a lógica do esquecimento, lançando luzes para que sujeitos e tempos não sejam apenas verbais, mas históricos. Na história da Faculdade de Educação da USP, a nossa revista é a primeira a ser feita por estudantes. Temos muito orgulho disso, e estamos cientes da responsabilidade assumida; por essa razão, nos esforçamos ao máximo para oferecer um trabalho sempre questionador e de excelente qualidade.

Pensando na democratização da popularização da ciência e tecnologia, nossa revista passará a dedicar uma publicação anual, a edição de novembro, apenas para os artigos científicos recebidos produzidos por estudantes da licenciatura, graduação e pós-graduação, e comunidade externa, o que propicia oportunidades e incentivo para quem escreve, bem como possibilita reflexões e acesso a debates educacionais mais recentes para nossos leitores.

Nesta edição, os temas centrais baseiam-se nas relações entre educação e culturas. Portanto, buscamos apresentar nas próximas páginas reflexões, discussões e trabalhos que ajudem a disseminar questões atuais e relevantes sobre as temáticas. Agradecemos sua atenção e desejamos uma ótima leitura!

10 COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE O LAB_ARTE

por Dayane Costa da Silva

1. Como surgiu

O Lab_Arte teve início em 2004 com um grupo de alunos da disciplina “Cultura e Educação I”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos. Ele começou como uma práxis reflexiva sobre arte-educação e cultura, “voltada para o movimento de uma conscientização, através da reconquista dos espaços urbanos e do sentimento de pertencimento ao mundo.” A ideia inicial era a criação de uma rede, sem relações hierárquicas ou centralizadas, e assim eles seguiram pelo caminho da divulgação e criação de eventos. As atividades convergiram na organização do 1º grande projeto do grupo: a I Semana de Arte na Educação da FEUSP.

2. O projeto atual: Lab_Arte

O projeto só se tornou, de fato, um laboratório, no ano de 2006. Dessa maneira, o Lab_Arte se caracteriza como um Laboratório Didático e de Cultura e Extensão, além de um grupo de pesquisa certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atuando no tripé docência, pesquisa e extensão. Atualmente, o Lab_Arte está estruturado em núcleos que realizam oficinas experimentais semestralmente, além de ser um espaço para outras atividades de extensão, estágios e apresentações artísticas e científicas. Como laboratório, também está envolvido na formação de pesquisadores, sendo que diversos mestrandos e doutorandos realizam pesquisas atreladas ao Lab_Arte.

3. Objetivos

De início, os objetivos do laboratório envolviam promover um espaço de vivências artísticas “contínuas e aprofundadas”, dentro de expressões artísticas como dança, teatro, artes visuais e música, sempre refletindo sobre elas e suas relações com as diferentes culturas. Atualmente, os núcleos possuem 4 objetivos, que se mantêm conectados com os iniciais, embora diferentes:

“1. Vivências artísticas relacionadas às diversas atividades ligadas ao desenvolvimento da sensibilidade (artes manuais, dança, comunicação, performance, africanidades, entre outras);

2. Reflexão acerca destas e de seu diálogo com diferentes culturas;
3. Espaço de estágio para alunos das Licenciaturas da USP, aprofundando sua experiência com o corpo, a arte, a cultura e a educação;
4. Espaço de experimentação artístico-pedagógica para os coordenadores de núcleo que são, em sua maioria, alunos ou egressos da pós-graduação."

4. Quem coordena

No início, o laboratório era coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos e passou a ser coordenado pelo Prof. Dr. Rogério de Almeida, desde 2016.

5. Parceiros*

De acordo com as informações de seu site, o Lab_Arte possui 13 parceiros, sendo eles:

- **Trecho 2.8 - Criação e pesquisa em comunicação**, que trabalha com adultos em situação de alta vulnerabilidade social;
- **Projeto Cala-boca já morreu**, associação sem fins lucrativos ligada ao Instituto GENS de Educação e Cultura;
- **Grupo de estudos PULA**, ligado à EEFÉ-USP e FEUSP;
- **Tapir**, ateliê de cerâmica e outras artes;
- **Fateliku - Grupo de pesquisa sobre educação**, relações étnico-raciais e religião, ligado à FEUSP;
- **GEO - Grupo de Estudos Olímpicos**, ligado à FEUSP;
- **CCM - Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias**, ligado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP;
- **Grupo de Estudos Discursivos em Arte e Design**, ligado à Universidade Federal do Paraná (UFPR);
- **Criança's Rádio**, podcast;
- **GPEA - Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte**, ligado ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT);
- **Periferia Livr@**, projeto de extensão da FEA-USP;
- **NEPETECS - Núcleo de estudos e pesquisas em tecnologia, cultura e sociedade**, ligado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar);
- **LAPLAF - Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física**, ligado à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

*Mais informações podem ser encontradas no site do Lab_Arte!

6. Pesquisas*

Enquanto laboratório e grupo de pesquisa, o Lab_Arte possui pesquisas relacionadas e realizadas nele, além de apoiar a publicação de livros derivados de tais pesquisas, sendo que alguns possuem acesso aberto através do site do laboratório. É o caso, por exemplo, das pesquisas “O corpo, espelho da palavra: corporeidade em processos de escrita poética” (2021), dissertação de mestrado de Marina Teixeira Wisnik com orientação do Prof. Dr. Rogério de Almeida; “Viola caipira e seus ponteiros no imaginário popular” (2019), dissertação de mestrado de Ronnie de Almeida Alves da Silva com orientação da Profª Dra. Soraia Chung Saura; “Performances do professor: todo professor tem um pouco de ator” (2019), dissertação de mestrado de Pedro Luis Braga Silva com orientação da Profª Dra. Ana Cristina Zimmermann; e dos livros “Educação como poiesis” de Theda Cabrera e Marcos Ferreira Santos e “As dimensões imaginárias da natureza” de Danielle Perin Rocha Pitta, Elda Rizzo de Oliveira e Rogério de Almeida.

*Mais informações podem ser encontradas no site do Lab_Arte!

7. As oficinas de 2023

Em 2023 são oferecidas 7 oficinas gratuitas, de modo remoto e presencial. São elas:

- Radiofonia e teatro de bonecos, com Luli - segunda-feira (remoto)
- Fios e tramas, com Nádia e Tamara - terça-feira (remoto)
- Coral Todos os Cantos, com Lucymara - terça-feira, sala 130
- Pedagogia do palhaço, com Marco Guerra - terça-feira, sala 147
- Narração de histórias: reconto de fatos históricos, com Isis Madi - quarta-feira, sala 130
- Cineclubes Imaginários Alugados, com Chris, Paulo e Sarah - quinta-feira, sala 130
- Videogame: cultura e processos educativos, com Luciano - sexta-feira, sala 08

Todas as oficinas presenciais acontecem no Bloco B da FEUSP, das 18h às 19h30 (mesmo horário para as remotas). Mais informações podem ser obtidas nos canais de comunicação do Lab_Arte.

8. Quem pode frequentar?

Os núcleos desenvolvidos no Lab_Arte se destinam aos estudantes da Universidade, de graduação ou pós, aos professores da rede pública e à comunidade externa. Algumas oficinas exigem inscrições, geralmente realizadas por e-mail, enquanto outras não.

9. Gratuidade e certificação

É muito importante pontuar que as atividades oferecidas pelo Lab_Arte são totalmente gratuitas e podem oferecer certificações!

10. Onde encontrar o Lab_Arte

O Lab_Arte funciona na sala 130 do Bloco B da FEUSP, sendo que algumas atividades podem acontecer em outros espaços, como os de seus parceiros. Além disso, ele pode ser contatado pelos seguintes canais:

- Site: www.labarte.fe.usp.br
- Facebook: @labarte.feusp
- Youtube: lab_arte FEUSP
- Instagram: @lab_arte.feusp

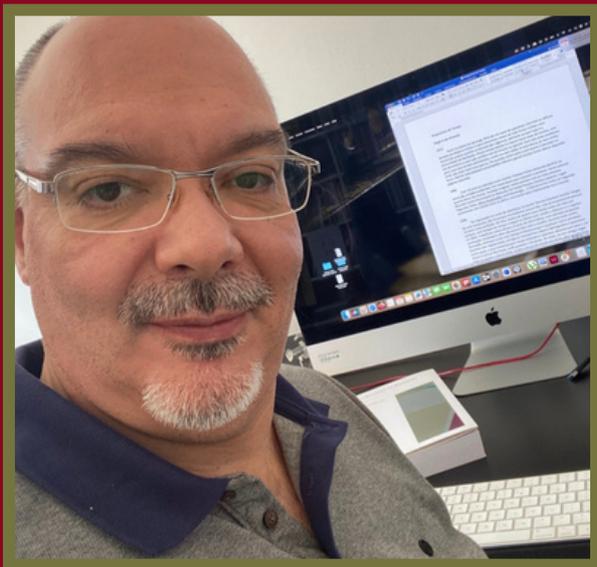
Referência bibliográfica:

<https://www.labarte.fe.usp.br/>. Acesso em: 24/03/2023.



pergaminho do tempo

Rogério de Almeida



1973

Nasci no bairro do Ipiranga, filho de um casal de operários. Corriam os difíceis tempos da ditadura militar e meus primeiros meses de vida foram vividos num minúsculo quarto-cozinha na Estrada das Lágrimas, defronte ao que hoje é a comunidade de Heliópolis. Pouco tempo depois fui morar numa casa de fundos, com um dormitório e uma sala. Lembro-me de brincar no quintal. Com seis anos mudamos para uma casa de dois dormitórios, numa rua sem saída. A essa altura, já com minha irmã, três anos mais nova que eu. Foi quando entrei para a pré-escola e descobri os livros. Ganhei uma pequena enciclopédia infantil e gastei muitas horas diante daquelas páginas coloridas.

1986

Com 13 anos eu adorava ouvir música. Passava horas tentando decifrar as letras das canções preferidas. Foi nessa época que comecei a escrever, tanto poemas quanto letras de música. Tentava imaginar como soariam com os instrumentos. Descobri Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Níkos Kazantzákis, José Saramago... A literatura foi como um segundo nascimento. Um mundo novo se abriu e era muito mais interessante que a escola.

1988

Ter ingressado no curso de eletrônica na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas foi uma conquista, não só porque era bastante concorrido, mas principalmente porque me daria uma profissão. De fato, depois de quatro anos tendo aulas seis dias por semana, com estágio em tempo integral no último ano, recebi o diploma e o registro no CREA. Trabalhava como técnico na área de informática, num período de grande aceleração tecnológica. Mas não estava feliz com a escolha. Durante toda minha formação, dedicava muito mais tempo à literatura do que qualquer outra atividade. Escrevia com regularidade, corrigia os manuscritos, depois datilografava e guardava numa pasta, a qual revisitava para novas emendas e adendos. Matava aula para ir ao Centro Cultural São Paulo, onde passava o dia lendo. Às vezes, ia com amigos jogar bola ou assistia a algum show. A vida cultural da cidade me atraía. Mas eu não fazia ideia de como conciliar meus interesses com a dura rotina de trabalho.

1992

Foi quando, já com 19 anos, decidi fazer cursinho preparatório para o vestibular, no período noturno. Minha família e meus amigos acreditavam que eu daria continuidade à minha formação me inscrevendo num curso de Engenharia, mas, para surpresa de todos, eu havia escolhido Letras. Foi um ano intenso, difícil e de muitas expectativas. Eu consertava microcomputadores em campo e era obrigado todos os dias a bater ponto, logo pela manhã, num banco de investimentos na Rua Libero Badaró, bem em frente à lanchonete onde outrora Oswald de Andrade se reunia com os modernistas. Quando eu terminava o serviço, me designavam para outro canto da cidade, em trajetos de ônibus. Aproveitava esses tempos de deslocamento para estudar. Também gostava de frequentar as livrarias do centro da cidade. Às vezes me distraía vendo livros e contava com a condescendência do meu supervisor, que assinava relatórios de trabalho com acréscimo de tempo. Lembro de ter descoberto vários autores que marcaram minha formação, como Baudelaire, Rimbaud e Antonin Artaud, além de Ginsberg, Bukowski e Kerouac. No início de 1993 ingressei na USP e, a despeito de todas as novidades, me senti em casa.

1997

Os anos de formação no curso de Letras da USP foram intensos, transformadores e fundamentais para meu futuro. Encontrei verdadeiros mestres que me inspiraram e me inspiram na carreira acadêmica: João Adolfo Hansen, Alcides Villaça, além dos saudosos Alfredo Bosi, Antonio Medina Rodrigues, Modesto Carone e Roberto Ventura. Todos eles, cada um a seu modo, contribuíram para que eu me tornasse professor e pesquisador. Minha eterna gratidão por terem me inserido neste universo comum de amantes da sabedoria.

2003

Realizei muitas atividades diferentes na minha vida. Além de técnico, fiz revisão de textos, tradução de livros, fui coordenador cultural, trabalhei como editor, fechando contratos, fazendo diagramações, organizando lançamentos e, também e principalmente, como professor, lecionando para o Fundamental - Anos Finais e o Ensino Médio. Também ministrei aulas em cursinhos populares. Até que, em 2003, iniciei uma nova etapa profissional como professor universitário. Foi quando definitivamente me encontrei na profissão.

2005

Defendi o doutorado na FEUSP em novembro, com a tese "O imaginário de Fernando Pessoa" (encurtador.com.br/bORX9), orientado pela querida Helenir Suano, que empresta seu nome à sala 130, onde ocorrem os encontros do Lab_Arte (<https://www.labarte.fe.usp.br>), fundado pelo Prof. Marcos Ferreira Santos e que passei a coordenar em 2016.

2008

Eu lecionava Literatura no Ensino Médio pela manhã e um rol de disciplinas na Graduação e Pós-Graduação à noite, além de coordenar os cursos de Letras e Pedagogia na extinta FIZO (Faculdade Integração Zona Oeste). A impossibilidade de conciliar minha vontade de seguir pesquisando com a árdua rotina de trabalho me estimulou a concorrer à vaga de professor efetivo na FEUSP, justamente para atuar na área de Cultura e Educação. Apesar de aprovado em novembro, só iniciei minhas atividades como docente em abril do ano seguinte, acolhido pelos colegas do departamento que hoje tenho a honra de chefiar. Poder retornar à pesquisa e à escrita, além de seguir lecionando, me trouxe imensa alegria, a mesma que me motiva diariamente a seguir trabalhando.

2015

Realizei o concurso de livre-docência com a tese "O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha" (encurtador.com.br/qyzKV), tendo como avaliadores os professores Afrânio Mendes Catani, Celso Favaretto, Franklin Leopoldo e Silva, João Adolfo Hansen e Hélio de Seixas Guimarães. Aprendi muito com o processo e me senti muito honrado de receber a nota máxima dada unanimemente por uma banca de tão alto nível, com professores que tanto admiro. Cumprida essa missão, parti no ano seguinte para a Universidade do Minho (Braga/Portugal), onde realizei o pós-doutorado em Filosofia da Educação supervisionado por Alberto Filipe Araújo, que se tornou um parceiro de pesquisa e publicações.

2020

A difícil retomada da rotina pós-pandemia veio acompanhada de aprendizados e desafios. Em 2020, quando a reclusão era regra, decidi concluir e tornar públicos um filme e um álbum musical: Desta Vez Ulisses Não Sairá de Casa (<https://www.youtube.com/watch?v=CTKE99fOr8A&t=1s>) estreou na 17ª Mostra Internacional do Cinema Negro e Música para Escuta Desatenta está disponível nas plataformas de streaming e YouTube (https://www.youtube.com/channel/UC-a_cG1S0IHnPFrPQrSpeZw). Eram sonhos antigos que se realizavam num momento particularmente sensível da história humana.

2022

Além da minha passagem para Professor Titular, o ano passado foi marcado pela alegria de ver finalmente publicado, em coautoria com meu amigo e colega da FEUSP Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, o livro mais importante que escrevi: Introdução à Filosofia da Educação: uma tradição literária, publicado pela Edusp (<https://www.edusp.com.br/livros/introducao-a-filosofia-da-educacao/>). Dedicado aos nossos alunos, é uma obra que sintetiza uma longa trajetória de meditação sobre a Educação, não apenas nossa, mas de todos os grandes mestres que nos antecederam e que há milhares de anos se dedicam a tornar homens e mulheres, senão melhores, ao menos mais conscientes do mundo e de sua própria existência.

RELATOS

Escrito por:

Igor Chico de Vila Zat

De Pirituba, é poeta, MC, produtor musical e arte-educador. Faz parteda cena de literatura periférica composta pelos saraus e slams e é um dos organizadores do Slam do Pico. Autor do livro de poesia "Dom Quixote Pixaim", participou também de algumas antologias literárias e vídeo-poesias.

Finalista do Slam SP - Campeonato Estadual de Poesia Falada em 2018, também participou de eventos como Festival Favela em Casa, Virada Cultural e do TEDxSãoPaulo #IdeiasNegrasImportam em 2020.

A

palavra Slam é uma onomatopeia do inglês que representar um bater de palmas, e é o nome dado às batalhas de poesia que se espalham Brasil (e mundo), sobretudo nas periferias.

Slam (ou Poetry Slams) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de "esporte da poesia falada" e, como aparece no documentário recém-lançado Slam: Voz de Levante, o responsável por organizar o primeiro Slam, Marc Kelly Smith, alega que resolveu utilizar da lógica da competição como forma de chamar atenção para o texto e performance dos poetas.

O que ocorre em um Slam é semelhante ao que acontece nos saraus, porém com algumas regras simples:

- Poesias autorais (decoradas ou lidas na hora) de até três minutos;
- Proibição da utilização de figurino, cenário ou instrumento musical;
- São escolhidos, aleatoriamente, cinco jurados na plateia que serão os responsáveis por dar notas de zero a dez. Leva a competição aquele que tiver a maior nota.

Os slams chegaram ao Brasil em 2008 e se espalharam, adentrando inclusive as escolas e os mais diversos espaços educativos. O movimento dos Slams pegou carona no que já vinha sendo construído pelos Saraus, como o Sarau da Cooperifa ou o Sarau Elo da Corrente, e ajudou a espalhar esse vírus da literatura em ruas, praças, bares, universidades e escolas.

Essa ferramenta que é o Slam, além de ser uma impulsionadora de empoderamento individual, de superação de barreiras como a timidez ou mesmo a falta de espaço para expor sua poesia, é também uma ferramenta de organização política coletiva. O movimento é hoje um forte aliado das causas sociais, um grande propulsor de visibilidade para as pautas negras, indígenas, LGBTQI+, feministas, pessoas com deficiência, anticapitalista, ambiental, etc.

Para além de palco, microfone e competição, o Slam também se configura como um espaço livre, educativo e democrático de fala e escuta; não é à toa o seu sucesso entre jovens e adolescentes. Seja através dos vídeos no YouTube e Facebook, seja pela presença nas batalhas ou nas diversas oficinas realizadas por poetas nas escolas, a palavra poesia ganhou um outro significado para muitos estudantes.



Fonte: Emerson Alcade

Esse namoro entre a escola e o Slam levou à criação do Slam Interescolar em São Paulo, que é um circuito de batalha de poesia que ocorre em rede nas escolas públicas de São Paulo. Para além disso, há diversas escolas que utilizam o Slam como ferramenta pedagógica ou mesmo os trabalhos dos poetas dos Slams e saraus como referência nas aulas. Uma escola na rua, uma ágora contemporânea, um esporte, uma comunidade, uma forma de expressão... O Slam é tudo isso e algo mais. Em tempos de defesa da democracia, defender e difundir

o direito à palavra é um dever, e é pra isso que os Slams têm servido.

Grande é a importância de um espaço de voz para pessoas que têm sua voz negada em quase todos os outros, e de um espaço de escuta numa sociedade desacostumada a ouvir e aprender – com os mais velhos ou com os mais novos. A competição é o pano de fundo para esse fenômeno que se alastra e se levanta, aprendendo e ensinando uma velha lição que é incansavelmente repetida por diversos poetas: a poesia salva.

CONVERSA COM QUEM MANJA

● ● ● Por: Rani Beatriz Evangelista



Entrevista com Prof. Dr. Rogério de Almeida

Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordena o Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). É editor da revista Educação e Pesquisa (FEUSP) e editor colaborador da área de Educação da revista Machado de Assis em Linha. Bacharel em Letras (1997), Doutor em Educação (2005) e Livre-Docente em Cultura e Educação, todos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoramento na Universidade do Minho (2016). Trabalha com temas ligados a Cinema, Literatura, Filosofia Trágica e Imaginário. (Fonte: iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoar/rogerio-de-almeida)

RANI: Quando a gente fala de Educação e Cultura dentro do espaço escolar, qual a definição de “cultura”?

ROGÉRIO: Essa pergunta é importante, Rani. Se a gente começar, digamos assim, do início, a educação é um elemento, um dado antropológico. Portanto, ela faz parte de todas as organizações humanas, todos os grupos existentes e que já existiram. Todo o agrupamento humano tem atividade de educação e de certo modo esse processo de educação é um processo de ingresso na cultura deste grupo, ou seja, nos bens simbólicos, sejam eles os modos de vida, os procedimentos para criação de artefatos, para criação de tecnologias, né... Eu tô dizendo isso porque é importante frisar esse primeiro ponto: a educação está diretamente ligada à transmissão da cultura

e, ao mesmo tempo, ao processo em que o estudante, o aluno, o jovem, a criança, enfim, passa a integrar o grupo. Então é o processo de integração a uma dada cultura.

Em segundo lugar, quando a gente pensa nas nossas sociedades modernas, contemporâneas, a escola é uma forma de educar e um lugar de educar que data um pouco mais de duzentos anos. Então a gente tá falando de algo bastante recente na história da humanidade. E aí há uma separação, em que o objetivo principal dessa escola passa a ser o desenvolvimento intelectual — privilegiado na forma dos saberes racionais — e uma preocupação relativa à socialização, ou seja, os elementos ligados à cidadania e também ao desenvolvimento psicológico, social, desse estudante. A cultura, nesta compreensão

mais atual, fica reservada às manifestações que vêm do campo das artes, às manifestações populares, algo mais recortado, mais restrito e limitado do que é a produção humana. Por que eu tô dizendo isso? Ao reduzir o que é da ordem da cultura a determinados procedimentos artísticos ou manifestações populares, há uma espécie de redução também da própria importância da cultura na formação dos alunos em relação a essa dimensão privilegiada do desenvolvimento intelectual e social.

Embora cultura seja algo bastante importante, que engloba todos os processos da educação, há, contemporaneamente, uma redução do que seria esse escopo da cultura e, consecutivamente, a redução da sua importância na escola. Ela fica restrita ao reconhecimento das manifestações identitárias de determinados grupos. Então você fala de cultura para entender que, por exemplo, no Brasil nós temos a formação do povo brasileiro por meio da ligação dos povos originários, dos povos africanos trazidos à força para o trabalho cativo e a cultura europeia que ainda é vista como sendo uma cultura superior — o que é um equívoco.

Tô pensando aqui, por exemplo, numa arte erudita em relação à arte popular. Elas têm a mesma importância, são manifestações de cultura e de identidade, há trocas constantes entre elas, mas ainda perdura uma visão mais elitista.

RANI: Isso me faz pensar em como existe uma visão legitimada — que vem mudando ao longo do tempo — de que a escola é o espaço para sair da cultura popular e alcançar um tipo de elevação cultural, na literatura, no cinema, nas artes plásticas, etc.

ROGÉRIO: Exatamente. Aí quando a escola fala assim: “ah, vamos trabalhar cultura”, tá pensando, por exemplo, em levar Beethoven, Mozart e levar em determinadas peças de teatro... Ou então, por exemplo, uma valorização mais recente, mas também importante, de manifestações populares como o Bumba meu boi, a capoeira e outras manifestações importantes para identidade, mas que muitas vezes escapa um pouco daquilo que os alunos vivem e percebem como cultura. Esse é um desafio muito grande. Nós estamos inseridos numa cultura, os alunos são produtores, não somente receptores. Então, devemos estar atentos para o fato de que nós estamos produzindo uma cultura. A cultura é justamente esses bens tanto materiais quanto imateriais, mas que têm um valor simbólico, ou seja, se integra na produção de sentido para aquele grupo.

RANI: Essas manifestações culturais, artísticas, são muito presentes na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, enquanto o lugar do lúdico e da imaginação vai se perdendo ao longo da escolarização. Há maneiras de evitar essa perda?

ROGÉRIO: Então, poderia não acontecer desta maneira. Mas você tem razão, está programado para que aconteça dessa forma. Há uma concepção que orienta a escola que é uma concepção ainda, vamos dizer assim, iluminista e positivista e, de todo o modo, é também uma orientação produtivista, que entende que o mais importante para o ingresso na vida adulta é o desenvolvimento intelectual, científico, racional. Portanto, é como se o lúdico fosse uma manifestação da infância humana, quando na verdade não é. O lúdico perpassa a vida toda. É que, para a sociedade organizada de maneira produtivista, tudo aquilo que não está voltado para produção é tido como lazer, como dispêndio, um tempo inútil. No entanto, são nesses tempos que a potência da vida se manifesta.

A cultura escolar trabalha de uma forma que o aluno entende desde muito cedo que o que ele faz na escola, está sobre o mesmo regime de troca do mundo do trabalho. Ele não está ali para aprender, ele entende que está ali para responder questões, para ler textos, para fazer provas e a moeda que você recebe em troca são as notas e a promoção de ano. E isso é feito em detrimento de uma concepção lúdica. Agora, há uma concepção de educação da Educação Infantil que entende que a criança se desenvolve por meio da brincadeira, da ludicidade, por meio das atividades que se encerram em si mesmas, ou seja, elas bastam a si mesmas, elas são prazerosas por si mesmas e, ainda assim, contribuem

para o desenvolvimento humano. Porque tudo aquilo que nós fazemos coletivamente, tudo aquilo que nós fazemos de uma forma orientada, vai contribuir pro nosso desenvolvimento. Essa ideia de formação poderia ser continuamente trabalhada ao longo dos anos, mas existe uma cultura escolar muito alinhada com a cultura produtivista.

RANI: Então, você estava comentando sobre a educação na contemporaneidade em que muitas vezes há a concepção de que aquilo que se aprende na escola deve servir para aplicar concretamente na prática — especialmente no mundo do trabalho. Na questão da literatura, ao longo dos anos, as crianças têm mais acesso aos livros ditos como clássicos, e muitas vezes elas não entendem a necessidade de ler um livro que tem um distanciamento tão grande em relação ao vocabulário, ao contexto histórico, etc. E, a não ser como conteúdo para o vestibular, a literatura se torna desinteressante para muitos. Nesse sentido, qual a importância dos clássicos e como instigar a leitura?

ROGÉRIO: Essa sua pergunta é muito interessante porque é um desafio para todo professor, principalmente, de literatura lidar com as manifestações culturais da Língua Portuguesa. E esse desafio se agrava, por conta das tecnologias digitais, da ideia de uma interação sempre muito rápida... Essa linguagem tiktok, dos reels, enfim, em que

os jovens têm um acesso muito rápido e que distrai... Tem-se observado que essa geração mais recente tem dificuldade de concentração. Com o passar do tempo vai ficar mais claro quais são os efeitos reais que esse modo de vida mais acelerado, mais tecnológico, mais digital, tem trazido e os impactos disso para leitura. Porque a leitura depende, claro, de um momento de concentração, depende uma atividade em que você precisa se desligar, vamos dizer assim, do mundo, para poder se dedicar a esse exercício da imaginação... Porque a leitura é um exercício da imaginação e a imaginação, como uma faculdade humana, ela também se desenvolve à medida em que nós a utilizamos. Isso vale para a questão dos músculos, isso vale para a questão da lógica e isso vale para qualquer atividade que nós realizamos. E a faculdade da imaginação muitas vezes vai ficando relegada a outros planos, né, e aí a gente não exercita... Há um empobrecimento da imaginação e a literatura trata diretamente com isso.

Agora você faz uma pergunta também importante em relação aos clássicos. Bom, claro que é importante a gente ter acesso, mas esse não deve ser o único objetivo do contato com a literatura. Então é interessante observar que é uma característica humana o gosto pela narração. Dizendo de outra maneira: narrar histórias é uma forma de conhecimento, assim como a ciência tem a sua metodologia e ela é importante na geração do conhecimento científico, a narrativa é funda-

mental para o conhecimento simbólico, ou seja, para a capacidade imaginativa, de lidar com metáforas, de lidar com sentido mais refinado que é percebido justamente nesse trato com o sentido figurativo das palavras... Algo que é trabalhado fortemente na literatura.

A grande questão é que a literatura deve ser utilizada na escola pelo seu potencial de produção de sentido e não como um caminho para se chegar a outra coisa. O que eu quero dizer com isso? Por exemplo, a gente não deve abrir um livro, um conto, um texto para buscar nele o dígrafo, para buscar nele os advérbios, para buscar nele sujeitos e predicados... ou seja, para fazer o aprendizado da gramática. Nós também não podemos usar esses textos para estabelecer, por exemplo, objetivos de história, objetivos de geografia, objetivos do universo da ciência... ou seja, como se isso tivesse algum fim que não fosse a própria produção de sentido que a literatura possibilita. E os jovens vão querer narrativas que despertem o interesse. Vou dar um exemplo: eu atuei muito tempo como professor de Literatura no Ensino Médio. E como era o trabalho do ensino médio na escola que eu atuei? O primeiro, segundo e terceiro ano eram todos organizados em função dos livros que fazem parte da leitura obrigatória dos vestibulares, então são clássicos como você falou. E aí começava por ordem cronológica, lá de Camões até chegar na produção da literatura contemporânea. Claro que esse modo de trabalhar literatura na escola está fadado ao fracasso! Porque os alunos não

têm maturidade de leitura e prática de leitura — com raras exceções — e em geral não têm condições de fazer essa leitura. E muitas vezes o professor também trabalha mais com uma espécie de paráfrase do conteúdo do que com a leitura própria da obra (leitura-comentário-mediação, que é algo fundamental também na formação de leitores).

Então eu mesclei os livros do vestibular, porque ela [a escola] tinha uma orientação voltada para o vestibular, com livros de literatura que pudessem interessar aos alunos. E eu me lembro que um deles que eu trabalhei era o *Apanhador no Campo de Centeio*, e esse livro é um livro importante, revolucionário em certa medida, na cultura norte-americana, porque ele adota uma linguagem muito próxima da linguagem dos jovens. E ele conta a história de um jovem que fracassa justamente no ensino médio. E foi muito interessante porque, para minha surpresa, uma boa parte dos alunos começou a ler o livro e não parou mais. O que levou os alunos a se interessarem especificamente por esse livro? Bom, porque esse livro produz um sentido muito próximo do universo que eles vivem. Esse sentido da vida que a literatura propicia — e até a falta de sentido da vida — é o objetivo da própria leitura.

Para não dizer que isso é pautado só numa experiência que eu tive, Tzvetan Todorov escreve um livro em 2009, que eu deixo aqui como recomendação para quem tiver mais interesse, chamado *Literatura em Perigo*.

E o que o Todorov diz? Que os professores não devem, em sala de aula, ensinar exclusivamente contexto histórico, social e estrutural da literatura. Porque infelizmente a literatura é ensinada na escola dessa forma: “então vamos para a literatura romântica... Quando ela ocorre; autores mais importantes; obras mais importantes; quais as características do Romantismo”... Depois você vai para os exercícios apontando em alguns trechos como essas características aparecem.

Perceba, esse modo de trabalhar mata a literatura. É uma espécie de autópsia do livro e não propriamente tornar o livro vivo. Porque quando a gente abre um livro, nós trazemos esse livro à vida. Então o que deve ser trabalhado na escola? A leitura como produtora de sentido e, portanto, a leitura mediada pelo professor, porque é ele que vai apontar ali como os sentidos estão sendo produzidos para que os alunos possam efetivamente ingressar nesse universo.

Eu me lembro das aulas sobre Machado de Assis, que é tido como um autor difícil, com uma linguagem muito distante deles e que os alunos não gostam de ler, e aí para começar peguei um conto simples, "Noite de Almirante", com uma linguagem bastante acessível e um tema bastante caloroso porque tem a ver com a questão do adultério. E aí a gente foi ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a primeira questão que eu medie com os alunos era o fato de que o Machado de Assis é um humorista. E que tipo de humor é esse?

É um humor irônico, sarcástico. Era uma forma então de iniciar no Machado a partir daquilo que o Machado tinha a oferecer, ou seja, ludicidade como você tinha colocado lá inicialmente. Quer dizer: a gente pode brincar com as questões postas pelo Machado, porque ele, o Machado, brinca com elas, mesmo sendo questões muito sérias. Despir a aura do escritor, esse escritor genial, difícil, etc., é uma tarefa que o professor pode fazer por meio da mediação.

RANI: Você comentou que a leitura tem que ser apreciada por ela mesma, sem ficar procurando ali algo para ela fazer sentido. A mesma coisa acontece com o cinema? Apreciar um filme já é, por si só, um processo educativo?

ROGÉRIO: A questão é que muitas vezes na escola não é possível fazer na atividade de aula uma experiência de assistir filmes. Aí ficaria mais recomendado o uso de atividades no contraturno, de atividades extracurriculares em que você faz uma espécie de Cine Clube, que é bastante educativo, no sentido em que você assiste ao filme, tem um contato com a obra, e depois você estabelece uma discussão sobre o filme. Muitas vezes você pode, claro, trabalhar na escola um trecho do filme ou curta-metragem, estabelecendo a discussão. Agora o filme não deve ser uma espécie de atalho, um instrumento para ensinar outra coisa. O que quero dizer com isso? Você pega um trecho de um filme e usa isso para discutir um determinado ponto da história...

por exemplo, *Carlota Joaquina* para mostrar a vinda de D. João VI em 1808 para o Brasil. E aí há uma confusão porque o filme é satírico e ele não está preocupado em recompor historicamente o que aconteceu, como aconteceu. Ele deve ser assistido pelo que ele propõe como narrativa e, a partir dessa narrativa — e aí que entra o trabalho educativo —, você faz a construção interpretativa desses sentidos.

RANI: Será que existe algum critério para uma escolha de um filme para trabalhar na escola? Porque eu fico pensando nos filmes de super-herói, por exemplo, que possuem um caráter comercial e são muito populares entre os mais jovens.

ROGÉRIO: Então, essa questão é interessante porque às vezes a gente esquece que o professor é também formado, não só como professor, mas também tem uma formação cultural. Claro que, em princípio, o professor que se interessa, pode levar isso sim para sala de aula e fazer uma leitura crítica.

Agora, é claro, a escola — é importante frisar isso — não é um espaço para repercutir aquilo que os alunos já fazem, já conhecem e já realizam no seu cotidiano. É para se fazer uma leitura crítica? É para entender o seu sentido de maneira mais profunda? É para fazer com que se desenvolva uma pedagogia do olhar nesses alunos, de modo que ele passe a olhar aquilo que, em princípio, ao assistir, ele não vê? É uma finalidade que pode ser trabalhada, mas o

outro espaço da escola é de apresentar repertório, ou seja, fazer com que eles possam conhecer algo que, se não fosse a escola, eles não conheceriam.

RANI: Voltando um pouquinho para a questão da literatura, vou trazer um ponto sobre o qual eu já ouvi opiniões diferentes e queria saber um pouco de você. A gente sabe que tem alguns casos de obras bem problemáticas e que tradicionalmente são trabalhadas na escola, por exemplo, o caso do *Sítio do Picapau Amarelo*. Então, resignificar ou substituir?

ROGÉRIO: Resignificar. Porque, primeiro: é muito importante entendermos que as reservas que nós temos hoje são resultado de uma construção histórica, cultural, social coletiva. É a nossa hermenêutica atual. E ela é válida, sem dúvida nenhuma, mas ela não deve, digamos assim, autorizar uma espécie de apagamento histórico. Porque ignorar essa obra é como apagar toda a nossa história... A história da humanidade não é uma história bonita. Ela é toda atravessada de muitas misérias: a miséria da guerra, a miséria do racismo, a miséria do machismo patriarcal, da violência contra as mulheres, das violências de gênero, das violências sexuais... Claro que, à luz do nosso entendimento de hoje, Monteiro Lobato deve ser filtrado. Então a gente deve colocar as questões que ele apresenta ali dentro do contexto no qual elas foram produzidas. Não tô dizendo com isso que não havia uma visão preconceituosa, ela

havia, mas ela tinha sido historicamente construída. É importante observar que o Brasil teve 300 anos de escravidão e é algo que deve nos envergonhar, mas eles não foram passados sobre a perspectiva da vergonha, pelo contrário: havia muitas justificativas (claro, todas elas injustificáveis aos nossos olhos), inclusive de ordem científica. Então hoje, é claro que a gente deve colocar isso no seu devido lugar, mas de maneira alguma, no meu modo de entender, ignorar essas obras. Eu acho que o que deve ser feito é estabelecer notas explicativas, o contexto em que foi gerado e porque hoje não é aceito.

RANI: E sobre a formação de professores, seja na FEUSP, seja de maneira geral... Como você vê a nossa formação docente em relação aos temas de Educação e Cultura?

ROGÉRIO: Pobre. Porque a cultura não é valorizada, de maneira geral, nos currículos, assim como ocorre nas escolas. Não é à toa que os professores reproduzem aquilo que recebem. A história do LabArt é muito bonita, porque ele foi fundado pelas alunas do curso de pedagogia em 2004 que identificaram que não havia essa abordagem do universo cultural, do universo artístico e, sobretudo, do ponto de vista da realização disso. Muitas vezes tinha somente abordagens mais teóricas. E o LabArt começou a acontecer por meio de oficinas e elas não têm o objetivo de formar o artista. O objetivo é contribuir na formação de professores para que eles possam utilizar

essas múltiplas linguagens do mundo das artes para a realização de atividades com seus alunos. E eu acho que isso deve ser ampliado. Quanto mais ampla, mais diversificada for a formação cultural do professor, mais elementos ele terá para o seu trabalho em sala de aula.

RANI: Então o melhor caminho para os professores exercitarem a inclusão da arte e da cultura na sala de aula é justamente eles mesmos experimentando?

ROGÉRIO: Concordo! Todo professor se autobiografa em sala de aula porque ele leva as suas referências. Ele leva seu gosto pelo cinema, leva o gosto por determinado tipo de música. Nós não trabalhamos em sala de aula somente aquilo que está no currículo, né, porque nós estamos presentes como pessoas em sala de aula.

O que eu quero dizer com isso? Que o professor deve buscar aquilo que faz parte do seu universo cultural como recurso também para a sala de aula. E isso não quer dizer que ele possa abrir mão, por exemplo, de uma formação continuada, eu acho que é importante. Mas ele não precisa ser um *expert* em cinema para poder tratar sobre alguns filmes e depois fazer uma discussão. Os alunos, quando travam contato com uma obra que desperta o seu interesse, querem discutir. E a sala de aula é um espaço que pode ser usado para isso, o professor também pode despertar os alunos para esse tipo de interesse.

Eu entendo que o professor está continuamente em formação e ele deve então buscar contato com essas linguagens do universo das artes, porque ela também é construtiva da sua condição de professor e vai ser, sem dúvida nenhuma, levada para sala de aula como um caminho de mediação entre a formação e o interesse dos alunos em relação ao universo das artes e da cultura de modo mais geral.

RANI: Bom, Rogério, foi muito boa nossa conversa, muito proveitosa! Gostaria de agradecer mais uma vez em nome da equipe!

ROGÉRIO: Eu que te agradeço!

COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO

POR GABRIEL LISBOA DA SILVA



Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

A Comissão de Cultura e Extensão foi instituída em 1991 com a responsabilidade de promover atividades culturais e de extensão universitária. A ela está atribuída a deliberação sobre propostas de cursos complementares e eventos de cultura e extensão, orientando docentes nas solicitações específicas de fomento. As principais atividades desenvolvidas são: cursos livres, palestras, seminários, debates, mesas redondas, oficinas culturais e sessões de vídeo.

Os cursos, especificamente, possuem as seguintes regulamentações:

- Cursos de Especialização (mínimo de 360 horas) e Aperfeiçoamento (mínimo de 180 horas) que não atendam às condições estabelecidas para serem administrados pela comissão de pós-graduação.
- Cursos de Atualização (sem limite de horas) destinados a graduados que desejem complementar conhecimentos adquiridos em cursos de Graduação.
- Cursos de Difusão Cultural (sem limite de horas) destinados à divulgação de conhecimentos técnicos à comunidade.

É característico dessa comissão, em consonância com os princípios da FEUSP, que suas atividades estejam orientadas pelas demandas das redes públicas de ensino.

A comissão é composta por 6 docentes titulares e respectivos suplentes, e um discente e respectivo suplente.

Secretaria CCEX | 3091 3574

BIOGRAFIA

..... por: Bianca Dos Santos Lima¹

Monica Caldas Ehrenberg é pedagoga, profissional de educação física, professora e pesquisadora na área de Corpo e Movimento. Atual chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM), também leciona em cursos de Graduação e Pós-Graduação, tanto na FEUSP como na EEFÉ-USP. Uma das fundadoras do LabCORPO, a professora é bailarina clássica formada, fã de Djavan e acredita na potência da corporalidade como forma de expressão. Para conhecer mais sobre esta ilustre figura, confira a entrevista que ela deu à FP.



¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e-mail: biancadslima@usp.br

Imagens cedidas por Monica Caldas Ehrenberg. Imagens sujeitas a direitos autorais.

Revista Futuro do Pretérito (FP): Olá, Professora Monica Caldas Ehrenberg! Tudo bem? Seja bem-vinda à nossa revista! Por favor, fale-nos um pouco sobre você.

1 – Em qual cidade você nasceu?

Eu sou nascida e criada aqui em Campinas, interior de São Paulo, onde eu vivo até hoje. Eu saí de Campinas na adolescência para fazer faculdade fora, depois me casei, fui para o ABC Paulista... enfim, dei algumas voltas, agora estou de volta à Campinas.

2 – Como você descreveria brevemente a sua família?

Fui a primeira filha! Tenho apenas uma irmã mais nova e diria que minha família é, tipicamente, uma família de classe média. Aquela que consegue manter os filhos na escola sem que eles precisem trabalhar para ajudar financeiramente em casa – nós não precisamos trabalhar antes da Universidade –, mas que também não possuiu tanta regalia, sabe? Roupas da moda, viagens, brinquedos... coisas que algumas outras crianças tinham, eu e minha irmã geralmente não tínhamos. Então, uma vida simples, não é?

3 – Como eram os eventos de família na sua infância?

A família do meu pai é formada por artistas e professores, então a música sempre esteve muito presente do lado do meu pai: minhas tias são professoras de arte e de música, meu pai era professor também na área da contabilidade; ele me influenciou muito nisso de "ser professor". Eu penso que algumas marcas da minha infância vêm bastante desse lado do meu pai, porque eu me lembro de contextos de contação de histórias pela minha avó, de saraus que as minhas tias organizavam... na família toda, cada um tocava um instrumento, então uma tia tocava, outra declamava, meu primo cantava e eu dançava! Então a música e a arte corporal estavam sempre muito presentes. Do lado da família da minha mãe isso já não acontecia, ali o carinho vinha mais pela culinária. Eu lembro dos eventos familiares na casa da minha mãe com muitas comidas e era sempre "essa torta é porque a Mônica gosta, este doce aqui a fulana gosta, aquele outro ali é porque outro gosta...", minha avó queria agradar todo mundo assim, pela boca.

4 – Como era a sua casa de infância e quem morava junto contigo nela?

Eram só nós quatro: minha mãe, meu pai, minha irmã, quatro anos mais nova, e eu. Na maior parte do tempo a gente morou num apartamento bem pequeno, mas que tinha uma área de lazer gigantesca! Sabe esses condomínios populares? Em que o apartamento em si é pequeno, mas são muitos blocos, então tem jardim, playgrounds... por isso eu me lembro muito dessa infância brincada no condomínio, que na minha época a gente chamava de Banco Nacional de Habitação (BNH). Eu adorava fazer piquenique e brincava muito de polícia e ladrão, principalmente nas férias, em que a gente podia ficar fora de casa até mais tarde.

Escola, bairro, amizades

1- E onde você estudava? Como era a sua escola?

Eu estudei boa parte da minha infância num colégio batista em Campinas, porque meu pai era professor do curso técnico de lá. Era um colégio que ia desde o berçário até o final do ensino fundamental, onde meu pai era professor. Então eu e a minha irmã éramos bolsistas e nós não éramos nem daquela religião nem tínhamos grana para bancar o colégio, bem diferente dos outros alunos. Mas eu não tenho memórias afetivas muito prazerosas dessa época, acho que eu não curtia muito (*risos*).

2 – E quando você começou a gostar de escola?

Foi no ensino médio! Ali virou a chave. Posso te dizer, inclusive, que até o fundamental, eu não fui um exemplo de aluna (*risos*), mas eu segurava as pontas, até por ser filha de professor, então eu não podia pisar demais na bola, não é? Mesmo sendo ali mais da turma do fundão. No ensino médio, eu fui estudar no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), por uma escolha minha mesmo. Ele era super bem reconhecido em Campinas e tinha um vestibulinho para entrar, nós receberíamos um salário mínimo também depois de aprovados. E se hoje eu sou professora, eu devo isso, de fato, à minha passagem pelo CEFAM. Não à toa, quando eu escolhi a faculdade de Educação Física, eu tinha plena clareza de que eu iria fazer licenciatura em Educação Física.

3 – Você teve alguma professora ou professor que te marcou nesse período?

Na infância, não. Mas no CEFAM eu encontrei professores que realmente fizeram toda a diferença, por exemplo, o professor Ronaldo de matemática, que é alguém que eu guardo ainda hoje. E por que? Porque eu sempre detestei matemática (*risos*), não sou alguém da área de exatas. Mas quando eu cheguei no CEFAM, encontrei ele que era um professor bem grande assim, que destoava do restante por ser muito alto, e que me fez simpatizar minimamente com matemática, me mostrou que aquilo não era um bicho papão e que existiam diversas maneiras de aprender. Tudo que ele ensinava e falava tinha uma lógica, e ele era muito atencioso, então ele se preocupava em a gente sair da sala realmente convencido daquilo que ele tinha ensinado, se precisasse repetir dez vezes a mesma coisa, ele repetia. Então eu percebia que ele era alguém que de fato se importava conosco, e isso eu não esqueço até hoje. Mas não só o Ronaldo era bom ali, ele me marcou em especial por conta da minha antipatia com as exatas, mas todos os professores que passaram pelo CEFAM se empenhavam em nos ensinar uma preocupação com o que nós iríamos ensinar para as crianças.

4 – Qual matéria você mais gostava de estudar?

Minhas matérias favoritas eram, com certeza, Arte e Educação Física, mas eu tinha um bom contato com as Ciências Humanas também, gostava de Língua Portuguesa e também de Biologia. No fim, eu fazia de qualquer forma a aproximação com a Arte ou com a Arte Corporal, isso para mim já estava posto e quando eu entro na Educação Física já tenho bem delimitado que eu não queria trabalhar com atletas ou personal training, queria trabalhar com essa proximidade da arte com as Ciências Humanas.

5 – Você também fez Universidade em Campinas?

Não num primeiro momento. Primeiro eu faço Unesp, no campus de Rio Claro, então é a minha primeira incursão fora de casa, e mesmo que a cidade não fosse tão longe de Campinas, o curso era integral e eu não conseguia ficar fazendo bate-e-volta. Daí eu me mudei para uma república e foi uma delícia! Uma descoberta do ser gente grande de fato, que muita gente faz no Ensino Médio e eu fiz na Faculdade, isso de ter mais responsabilidade, pagar conta e tudo mais. Não era comum ter habitantes de Rio Claro

ali, era todo mundo de fora e tinha gente do país inteiro e daí as angústias e emoções eram as mesmas e a gente acaba se unindo de um jeito diferente e vivendo mais intensamente essa experiência, viramos uma família de fato. Percebo que é um pouco diferente do que eu sinto com os meus alunos aqui da FEUSP, porque muitos só veem a aula e vão embora. Eu lamento que muitas alunas e alunos por aqui não consigam viver plenamente a universidade, por diversos fatores. Depois disso eu faço a Pós-Graduação na Unicamp, fiz mestrado e doutorado lá. Por fim, presto concurso para trabalhar na FEUSP, então eu passei por todas as Universidades Públicas Estaduais de São Paulo, cada uma em um status de vida diferente.

FEUSP

1 – Quando você começou a frequentar e atuar na FEUSP?

É engraçado que, na verdade, eu vim para a FEUSP para dar aula, antes disso eu não tinha qualquer proximidade com ela. A primeira vez que eu pisei aqui foi para prestar o concurso, antes eu não havia feito sequer um curso, visto uma palestra ou um congresso... Agora, além das aulas, também sou chefe de departamento do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM), que é o maior da FEUSP, então acaba sendo um abacaxi grande também (*risos*). Eu atuo tanto na graduação quanto na pós, e na graduação, mais especificamente, trabalho tanto com os alunos da Pedagogia, quanto com os da Licenciatura em Educação Física. Tenho também, na pós, um curso que se chama "Educação de corpo inteiro" e atualmente coordeno o LabCORPO, junto à professora Patrícia Prado. Fora os cursos de extensão que coordeno, tanto na parceria com a Escola de Aplicação, quanto na EEFE também. Então com tudo isso a minha rotina na FEUSP é não ter rotina, mas ter correria (*risos*).

2- Como é sua atuação junto ao LabCORPO? Qual a origem e importância do laboratório?

O LabCORPO foi criado por mim e pela Prof^a. Patrícia por meio de um Edital que a Pró-Reitoria de Graduação lançou um pouco antes da pandemia e que dava a possibilidade de criação e melhorias para laboratórios. Isso era uma demanda nossa muito antiga, porque a gente precisava de um espaço para trabalhar mais visceralmente com os alunos, sabe? Onde a gente pudesse ficar não só verbalizando, mas em que a gente pudesse ser por inteiro. Pense, eu estou falando para os alunos da importância de trabalhar cultura corporal e a gente não sai da sala de aula e eles ficam o tempo todo sentados me ouvindo falar; era urgente essa nossa demanda por um espaço mais propício que possibilitasse a incursão pelo que falávamos.



Monica no Festival de Dança da EEFE - USP

Então criamos o projeto, submetemos e hoje temos um laboratório mesmo. É um local em que nós não permitimos que entrasse nenhuma mesa, cadeira, ninguém pode usar sapato... é uma sala da desconstrução realmente, para entrar o aluno por inteiro e o resto fica para fora, as mochilas ficam para fora. Eu acredito que essa é uma grande conquista para FEUSP, porque eu estou aqui há 12 anos e só agora nós temos esse espaço. Antes, por N vezes eu tive que ocupar as salas da Escola de Aplicação, tive que ir ao CEPE-USP... então tiveram vários improvisos até nós conquistarmos esse espaço, que

ainda não é o ideal por ser muito pequeno, mas é um espaço mais digno e o meu xodó atualmente. E esse reconhecimento da educação física na área das linguagens tem sido o carro-chefe do que eu venho tentando trazer para FEUSP, para mostrar que corpo é texto e que a gente precisa saber interpretar e produzir histórias com ele.

3 – E quais os momentos mais marcantes deste laboratório?

Com certeza o momento mais marcante foi a gente poder estar lá, com o olho no olho, ainda que fosse uma época em que ainda precisávamos usar máscara. Porque o laboratório foi aprovado antes da pandemia, mas até que ele ficasse pronto, nós passamos pelo momento da Covid e nós não pudemos usufruir. O primeiro encontro lá dentro foi com o meu grupo de pesquisas e foi muito emocionante a gente poder se olhar como há muito não fazíamos. Depois teve a aula de Cultura Corporal da graduação, que aconteceu no semestre passado, e que teve muitas alunas ali que nunca se viram pessoalmente, não sabiam se eram altas ou baixas, deixando aquele momento realmente como algo da descoberta.

4 - E como você enxerga a implementação do Novo Ensino Médio, no qual a matéria de Educação Física perdeu tanto espaço?

Neste momento, eu estou, inclusive, envolvida em uma pesquisa sobre esse assunto com o meu colega Marcos Neira. O Projeto tem uma bolsa FAPESP e estamos pesquisando no Ensino Médio com os professores que estão lá na rede atuando com ele. E, bom, é uma falácia o que estão prometendo, não é? De que os alunos podem optar pelos itinerários formativos, pelas optativas que estão postas... Eu acho que, mais uma vez, fica claro que aquele que tem melhores condições, se mantêm em escolas que ainda oferecem tudo aquilo que já existia – onde, inclusive, a Educação Física não perdeu hora nenhuma –, mais alguns itinerários, algumas eletivas. Então, nas escolas privadas não se perdeu o espaço da Educação Física, das Artes, da Filosofia e de uma série de coisas; mas sim, incluíram-se mais matérias e aumentaram a carga horária dos alunos. Enquanto na rede pública fica nítido que a mensagem é “quem não pode, fica com menos. Se tiver muito, a gente tira um pouco mais, e assim vai ser o jogo”.

No final, essa separação entre os jovens que têm mais possibilidades e os que não têm,

ela vê uma disputa complicadíssima em todas as faixas escolares e se preocupa que isso fica ainda mais evidente. Muitas escolas apresentam apenas um itinerário X, então acaba sendo a escolha pela falta da escolha, sabe? Escancarando a hipocrisia que é falar “agora os jovens estão sendo ouvidos e vão poder escolher as matérias que eles querem”. Penso que sejam muitas as possibilidades de olhar para este atual Ensino Médio, seja pelo olhar político, econômico, social, mas todos se cruzam, não são independentes, ou seja, há um projeto instaurado, mais uma vez um projeto que prejudica a classe menos favorecida.

5 – E qual o tema da sua tese de livre-docência?

Eu não escrevi exatamente uma tese, fiz um texto que sistematiza a minha produção e o meu percurso. Essa é uma das formas de se apresentar e prestar um concurso de livre docência. Minha escrita está indo justamente ao encontro dessa formação de professores de corpo inteiro; professoras que atuam com crianças e que precisam lembrar que também têm e são um corpo. Porque as professoras têm o hábito de lembrar da importância da brincadeira para a criança, mas elas não brincam; lembram da importância de a criança ficar descalça no parquinho ou no gramado da escola, mas elas não sabem mais fazer isso. Então o meu trabalho está focado nisso: lembrar da importância do ‘corpo do Corpo Docente’ para a docência, que tem sido a minha linha de pesquisa já há algum tempo. Essas professoras são mulheres, são mães, são trabalhadoras e uma porção de outras coisas que muitas vezes são deixadas de lado quando elas enxergam apenas o corpo da criança. Não é que o da criança não seja importante, mas quando olhamos apenas para ele sem olhar para o nosso, é como se o nosso olhar e o nosso trabalho ali ficasse incompleto, pela metade. Então temos que reconhecer quem nós somos antes de olharmos para os outros.

Conclusão

1 – E hoje, como é a sua rotina?

Ainda que, como eu disse antes, minha rotina seja bastante irregular, eu tento balancear equitativamente a vida pessoal com a vida profissional, porque eu valorizo muito que os finais de semana têm que ser para a minha qualidade de vida pessoal, com os meus filhos e com o meu marido. Então eu não estou focada no trabalho, mesmo que depois, durante a semana, eu tenha que correr atrás do prejuízo. E nem sei dizer se isso é realmente um prejuízo ou um ganho para mim mesma, porque eu priorizo muito estar ali pela minha família nos finais de semana e eu sinto que, infelizmente, isso é uma exceção, e não uma regra, na Academia.

Sei, inclusive, que muita gente pode ler isso na Revista e criticar, mas eu vejo como algo essencial. Ainda que esse meu momento na FEUSP me exija bastante, sempre tento conciliar o ser professora, ser mãe e ser esposa... enfim ser pessoal! Mas o único momento regular da minha rotina acaba sendo a manhã, logo quando eu acordo, porque eu faço questão de

estar com os meus filhos nesse horário de prepará-los para a escola, mesmo quando eu não tenho que levá-los até lá. Depois tem dia que eu venho para FEUSP; dia que não; dia que é mais corrigindo trabalho no computador, outro que é mais ativo... varia bastante. Enfim, minha rotina é não se estabelecer por uma rotina (*risos*).



Monica com seu marido e filhos

2 – E como é esse ser mãe para você?

Eu tenho dois filhos, um casal, de 14 e 9 anos, que são maravilhosos! Lindos, inteligentes, despachados... amo passar tempo com eles. Então digo com convicção que essa é a minha melhor parte, de todas as Mônicas que eu tenho

que ser, essa é a minha melhor fatia. O que faz ser difícil, inclusive, isso que eu comentei de colocar na balança, porque se eu pudesse colocaria isso em primeiro lugar e o resto seria resto. Certamente o Lattes não passa nem perto da minha melhor produção, já que o meu melhor currículo é ser mãe.

3 - Como foi para você participar desse questionário, dando sua entrevista?

Eu gostei muito de ter participado! E fiquei surpresa também com o convite, eu até estranhei (*risos*), porque sempre fico achando que essas entrevistas são para os professores mais renomados. Fico contente de perceber que os estudos da corporalidade também estejam ficando marcados aqui na FEUSP, com a minha presença e de alguns outros colegas, a ponto de terem sido notados para um convite assim. E em uma unidade, como a FEUSP, em que há pessoas tão importantes na área da Educação, pela qual passaram pessoas tão referenciadas... de repente alguém que trabalha com as questões do corpo recebe esse destaque, porque é assim que eu enxergo a Revista, isso faz com que eu me sinta muito feliz e lisonjeada pela área.

Reflexões - Outras perguntas

1 - Qual sua música preferida?

Pergunta difícil (*risos*). Bom, o cantor que eu mais gosto é o Djavan. Acho que já fui em uns quinhentos shows dele e não canso de vê-lo dançar no palco como se ele tivesse 15 anos, amo aquela presença de palco dele! Ainda que hoje ele esteja dançando menos, é o cara que eu mais gosto de ouvir e de assistir ao show.

2 - E o livro preferido?

Atualmente, eu diria que qualquer um do Le Breton, porque os livros dele têm se aproximado de quem sou eu e do que eu acredito. Principalmente quando ele fala dessa tatilidade do olhar e traz essa potência da corporalidade, da essência de ser quem somos. Quando ele aponta que somos seres especiais em nossas individualidades, mas também coletivos, que têm uma ancestralidade que deve ser reconhecida, isso conversa muito comigo.

3 – Quais são seus hobbies?

A dança, com toda certeza. Eu sou bailarina formada, ainda que o biotipo não condiga mais (*risos*), sou bailarina clássica mesmo, e a dança permeou todo o meu caminho, desde a infância, como eu já comentei, até a faculdade. Na Unesp de Rio Claro existia um grupo de dança, do qual eu participei, que rodou o Brasil se apresentando e representando a Universidade. Hoje eu ainda danço, não mais o clássico porque acho que não consigo mais atender às exigências que ele faz, mas danço o contemporâneo e danço principalmente para mim mesma. A dança é a minha válvula de escape, o meu momento, porque eu curto fazer aquilo. Além disso, amo estar com os meus filhos. Ainda que isso não seja propriamente um hobby (*risos*), vou colocar aqui porque amo brincar com os meus filhos, amo sair com eles, atualmente eles já me acompanham em shows, uma delícia e, se eu pudesse, empenharia todo o meu tempo nisso.

4 – Para você, o que o Brasil tem de bom?

As praias. E eu acho que o brasileiro, mas aquele que reconhece os outros brasileiros, sabe? Que valoriza a sua brasilidade e sua cultura corporal e enaltece isso de uma forma positiva. Mas confesso que estou ponderando muito aqui o que eu estou falando, para não parecer que eu falo daquele brasileiro “verde e amarelo” que a gente andou vendo ultimamente, e que se apropriou de um símbolo nacional importante nosso. Eu me refiro a esse nosso jeito de que com qualquer latinha se faz samba, em qualquer grupinho a gente canta, improvisa, a gente acolhe, a pluralidade de estilos que a gente agrega que vai do samba ao funk, que vai do futebol ao skate, enfim, gosto desta mistura brasileira.

PARA PENSAR MAIS SOBRE EDUCAÇÃO E CULTURA...

por: Cadu Xavier

Nesta edição, trouxemos indicações de materiais interessantes para refletirmos a relação entre cultura e educação, que são dimensões inseparáveis do conhecimento..



Curso “Educação e Cultura Popular”

Por: Ana Luiza Jesus da Costa - PPGE/FEUSP

Sinopse: Curso aberto sobre educação e cultura popular dado pela Prof^a. Ana Luiza Jesus da Costa, da FEUSP, realizado em três encontros no âmbito das atividades promovidas pela Faculdade de Educação no centenário de Paulo Freire.

O tema abordado no curso foi “Educação e cultura popular no Brasil, anos 1960”, a partir da análise e de reflexões sobre três das principais obras de Paulo Freire: “Educação como prática da liberdade”, no 1º encontro; “Pedagogia do oprimido”, no 2º encontro; e “Pedagogia da esperança”, no 3º e último encontro.

1º encontro do curso disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cizjzbfvUk>>. Acesso em: 26/03/2023.

2º encontro do curso disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l3xOx-1Uvlc>>. Acesso em: 26/03/2023.

3º encontro do curso disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UOgF4pQoVWw>>. Acesso em: 26/03/2023.

E-book “Diálogos entre arte, cultura & educação” – Organizado por Elni Elisa Willms, Marcos Beccari e Rogério de Almeida - FEUSP

Data de publicação: 13/05/2019.

Palavras-chave: Educação, Arte, Arte-educação, Cultura, Imaginário.

Sinopse: “A coletânea de textos é fruto de um transbordamento multifacetado de temas que têm, no entanto, um ponto a partir do qual se deslocam: a arte e a educação em suas diversas manifestações. Desde as cantigas de ninar às contribuições das histórias e estórias, passando pelas ilustrações e pelo design, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a poesia, a fotografia, as histórias em quadrinhos, as danças circulares, as questões ambientais, de gênero e sexualidade, os quilombolas, as crianças, os jovens, as mulheres, os homens em processo de desintoxicação química, nossos povos originários e os afrodescendentes - o brincar, enfim, a grandiosa tecelagem do vivido em forma de textos aqui se apresenta como se fosse em uma canoa que se lança rio adentro para esse grande mar que é a vida. Desse modo, este livro quer ser o registro do acaso dos encontros, dos afetos que se proliferam e, enfim, do livre escoamento da arte, da cultura e da educação. O gesto artístico, que coincide com o educacional, é o movimento que entrelaça vida e obra, uma oscilação que se volta, uma vez mais, e sempre mais de uma vez, para o que resta a ser criado.”

Disponível em:

<<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/362/319/1316>>. Acesso em: 26/03/2023.

Filme “Entre os muros da escola” (2009)

“François Marin trabalha como professor em uma escola na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. Marin tem na escola alunos problemáticos, violência, tensões étnicas entre os alunos, o que testa sua paciência e, mais importante, sua determinação como um educador.”



Não recomendado para menores de 12 anos

Título original: *Entre les murs*

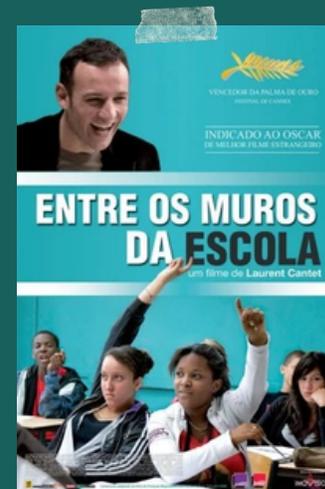
Direção: Laurent Cantet

Duração: 2h08min

Para mais informações sobre o filme, acesse:

<https://www.papodecinema.com.br/filmes/entre-os-muros-da-escola/detalhes/>.

Acesso em: 26/03/2023.





PARTICIPE:



A REVISTA

É SUA!



Nosso e-mail é
revista.futuro.preterito@gmail.com

